

Em 20 dias, Camaçari não fechou negócios

MALU OLIVEIRA

SALVADOR — O Plano Collor encontrou parada uma boa parte do pólo petroquímico de Camaçari, na Bahia. A manutenção programada pela Companhia Petroquímica do Nordeste (Copene), maior fornecedora da matéria-prima — o eteno —, levou as nove principais indústrias a suspender sua produção durante cerca de 20 dias. Nesse período, porém, as 69 empresas do pólo, que produzem cerca de cinco milhões de toneladas anuais e faturam mais de US\$ 2 bilhões, não realizaram praticamente nenhum negócio. “As vendas reduziram-se a zero e só quem exportou conseguiu diminuir os estoques”, constata o diretor-superintendente da Companhia Petroquímica de Camaçari (CPC), Adary Oliveira.

“Faremos o que for possível para que nossos clientes continuem comprando”, afirma Milton Fontenelle, diretor-superintendente da Estireno do Nordeste. A si-

tuação do Estireno é uma pequena mostra do que ocorre em praticamente todas as indústrias. Quando entrou em parada de manutenção, no dia 20, possuía um estoque para comercialização em 30 dias: dez mil toneladas de estireno e poliestileno. Até quinta-feira havia vendido pouco mais de mil toneladas. A CPC, que interrompeu suas atividades com 20 mil toneladas no estoque, vendeu apenas 10 mil, correspondentes a uma exportação já acertada anteriormente.

As indústrias do setor estão adotando uma economia de guerra na área administrativa, cortando a participação dos empregados nos lucros e dando férias coletivas. Na Nitrosétil, responsável pelo suprimento de 50% do mercado brasileiro de fertilizantes nitrogenados, além do corte de publicidade, horas extras e viagens, já há um estudo para a redução dos salários dos dois mil empregados. O objetivo de tudo isso é evitar demitir as 26 mil pessoas empregadas diretamente pelo pólo e as 31 mil contratadas pelas subempreiteiras.